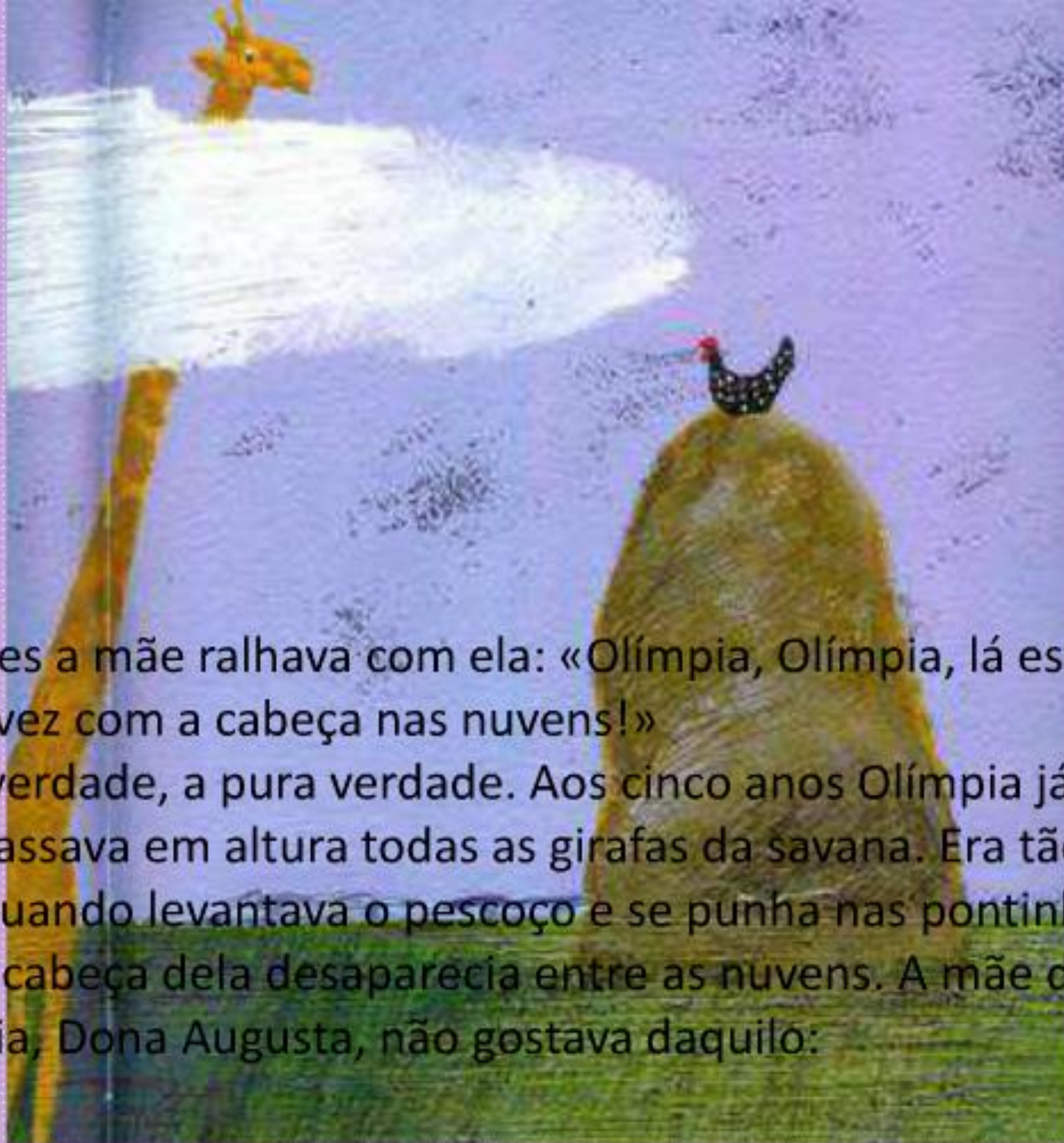
A girafa que comia estrelas

José Eduardo Agualusa   Henrique Cayatte





Às vezes a mãe ralhava com ela: «Olímpia, Olímpia, lá estás tu outra vez com a cabeça nas nuvens!»

E era verdade, a pura verdade. Aos cinco anos Olímpia já ultrapassava em altura todas as girafas da savana. Era tão alta que, quando levantava o pescoço e se punha nas pontinhas dos pés, a cabeça dela desaparecia entre as nuvens. A mãe de Olímpia, Dona Augusta, não gostava daquilo:



As nuvens são húmidas e frias, Olimpiazinha, olha que te constipas".

O pior que pode acontecer a uma girafa é ficar constipada. Primeiro porque quando espirram assustam todos os outros bichos, e sacodem as árvores e as coisas, e algumas chegam mesmo a perder a cabeça (a cabeça pode saltar com a força do espirro); depois porque é difícil conseguir um cachecol capaz de cobrir pescoços tão compridos.



Olímpia, porém, gostava de andar com a cabeça nas nuvens – queria ver os anjos. A avó Rosália, mãe de Dona Augusta, dissera-lhe que os anjos dormem nas nuvens. Também lhe dissera que, quando as pessoas morrem, se transformam em anjos. Dissera-lhe isto pouco antes de morrer. Por isso, Olímpia passava o dia inteiro com a cabeça enfiada nas nuvens.

Tinha saudades da avó.



À noite comia estrelas. Enquanto as outras girafas dormiam, Olímpia subia ao morro mais alto da savana, levantava o pescoço e comia estrelas.
As estrelas ardiam um pouco na garganta, mas eram doces e macias, e sabiam a pêssego. Ao contrário do que seria de supor, a noite não ficava mais vazia por causa disso.

À medida que Olímpia comia estrelas, outras estrelas nasciam, novinhas em folha, brilhando ainda mais que as antigas. Assim, de certa maneira, ela renovava a noite. Olímpia nunca encontrou nenhum anjo.



Um dia, porém, descobriu uma galinha do mato que fizera ninho no meio das nuvens. O ninho estava cheio de objetos brilhantes que a galinha trouxera da terra – três pares de óculos, oito berlindes coloridos, um colar de pérolas, um arco íris de bolso, um olho de vidro que havia pertencido (dizia ela) ao famoso pirata da perna de pau.



As galinhas do mato são muito bonitas, todas pretas com pintinhas brancas, e por isso também lhes chamam galinhas pintadas. Aquela pareceu a Olímpia ainda mais bonita do que as restantes. As penas dela brilhavam com uma luz própria, como se pelo facto de viver tão alto, tivesse adquirido um pouco do fulgor do sol.

«Olha lá», perguntou-lhe Olímpia admirada,
«tu és um anjo?»
Não, era apenas uma galinha que gostava de viver nas nuvens. Chamava-se Dona Margarida. Não era muito inteligente, coitada, mas gostava de pensar. Pensava, pensava e depois dizia coisas óbvias, que já toda a gente sabia, como se ela mesmo as tivesse inventado.

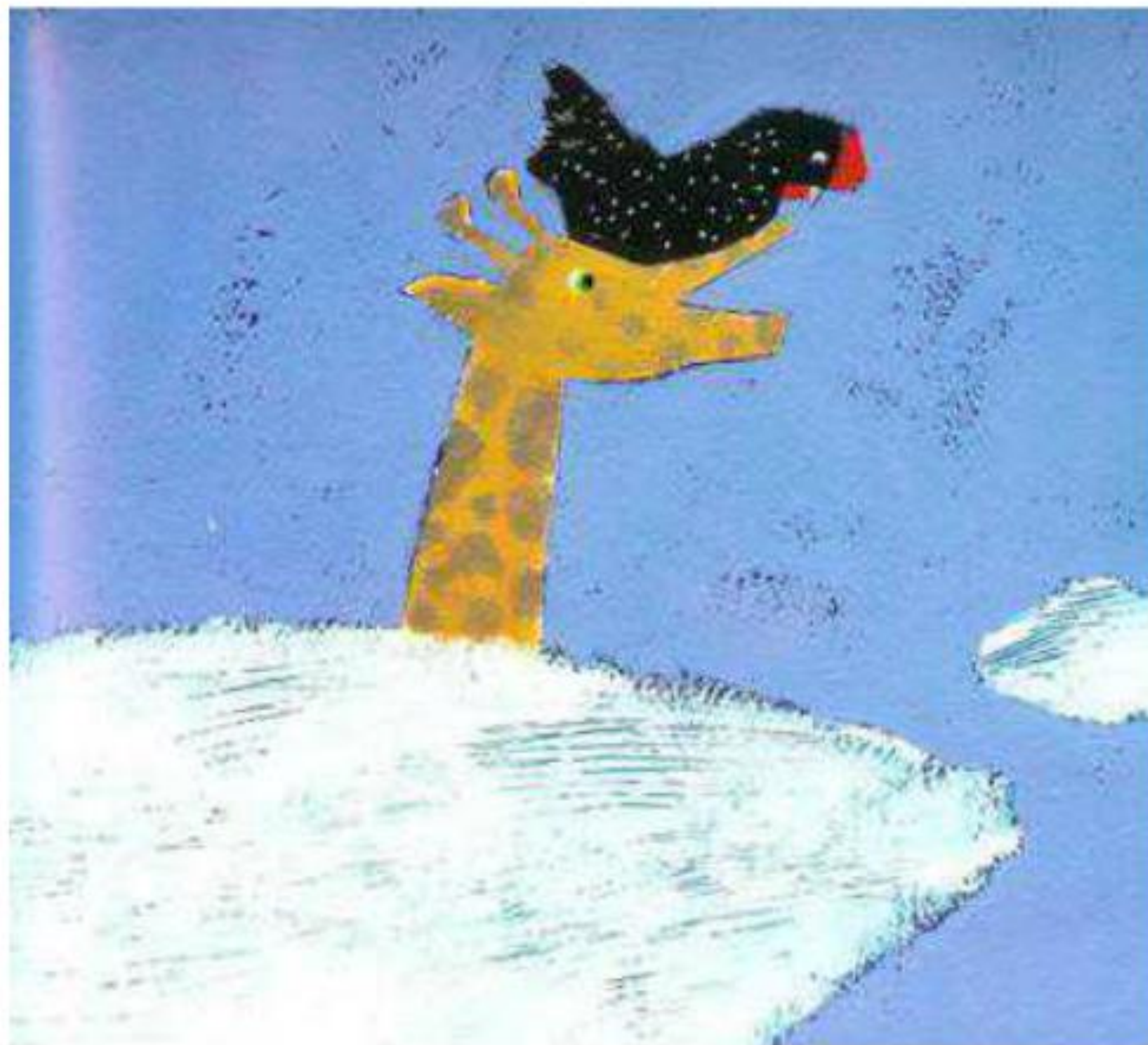


«Quem tudo quer, tudo perde.»
«Devagar se vai ao longe.»
«Nem tudo o que reluz é oiro.»
Etc. Dizia estas coisas piscando os olhos e torcendo a cabeça. Via-se que fazia muita força para pensar.



«E anjos?», insistiu Olímpia, «nunca viste anjos nas nuvens?» Não, nunca vira. Mas podia ser que os houvesse. Por vezes ouvia vozes, macias e remotas, vindas de nuvens mais altas e plumas enormes, que não se pareciam com nenhuma ave que ela conhecia, caíam lá de cima nas tardes de vento.

Olímpia e Dona Margarida tornaram-se grandes amigas. Todas as manhãs quando acordava, com a barriga cheia de estrelas, Olímpia enfiava a cabeça nas nuvens, para procurar Dona Margarida.



Como as nuvens correm no céu, por vezes a grande velocidade, Dona Margarida viajava muito. Um dia estava em cima da savana, e no outro dia podia acordar em Luanda, em Lisboa ou até em Nova Iorque.
Lá de cima, das nuvens, espreitava o mundo e tirava as suas conclusões:
«Os homens», contou ela a Olímpia depois de pensar muito, «os homens são animais estranhos: vivem empoleirados uns em cima dos outros, em grandes galinheiros. Estão sempre com pressa, correm o tempo todo, como formigas, de um lado para o outro, e acham que são felizes assim.»





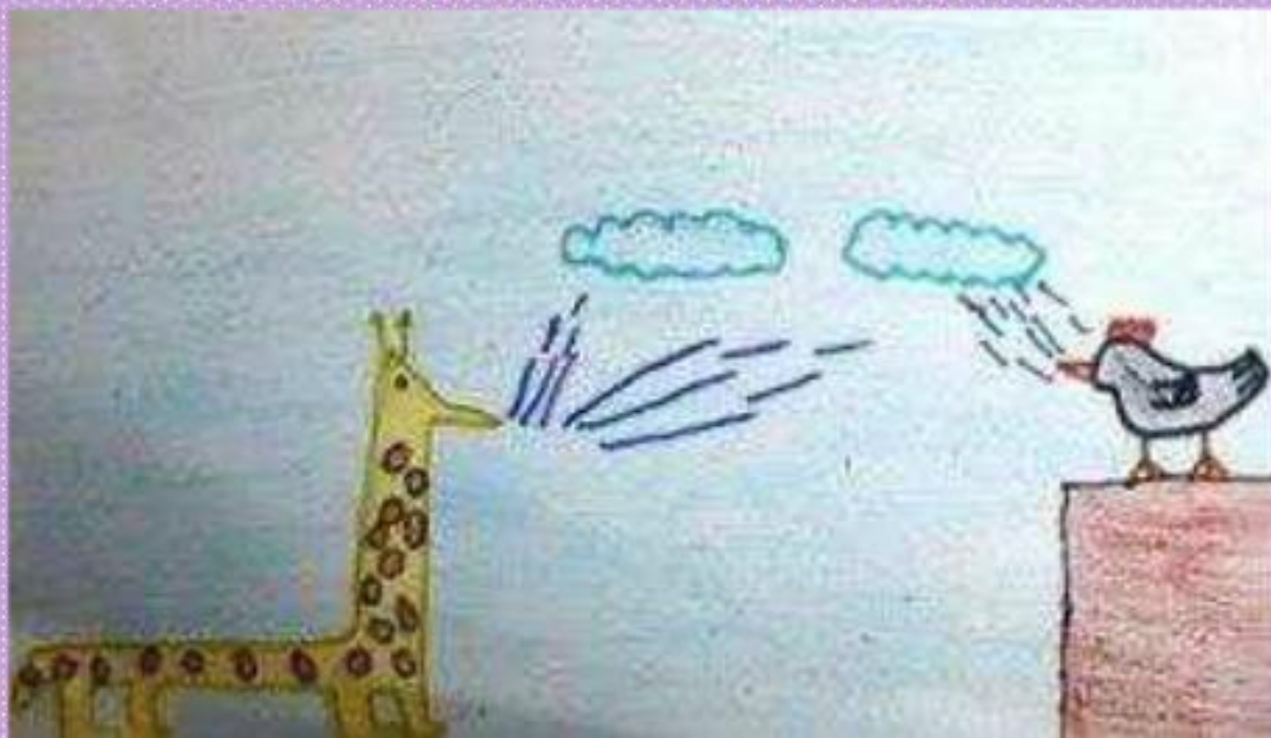
Uma bela manhã Olímpia acordou e viu que não havia nuvens. Enquanto o sol brilhou, o céu esteve sempre azul. No dia seguinte a mesma coisa e no outro também. Por onde andaria Dona Margarida? Passou-se um mês sem sinal de nuvens. Não havendo nuvens também não chove – e a savana começou a secar.



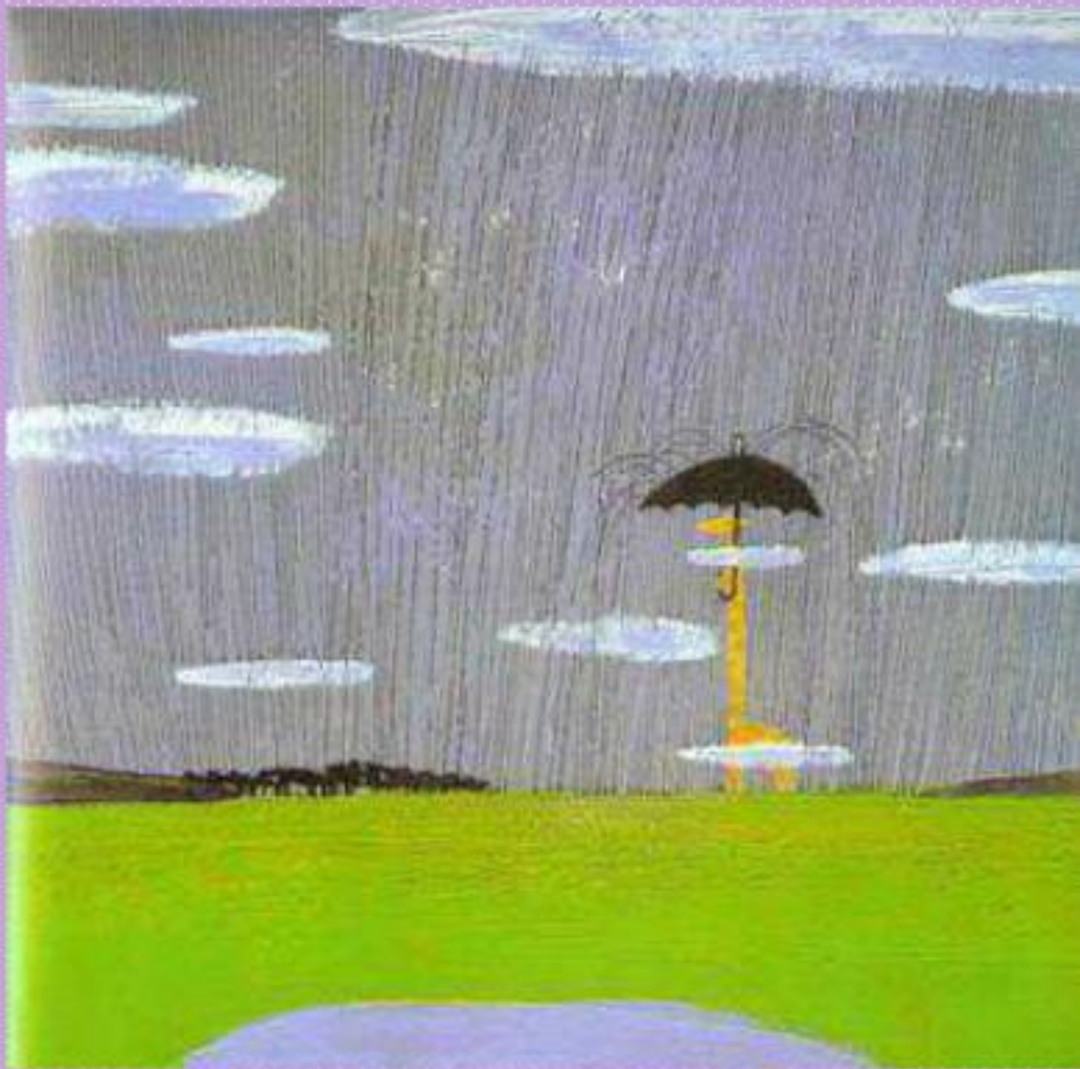
Era difícil encontrar alguma coisa para comer. As girafas estavam muito fracas. Dona Augusta já quase não conseguia caminhar. Olímpia era o único animal, em toda a savana, que continuava gordo. Podia faltar capim, podia ser difícil encontrar árvores com folhas tenras, mas à noite, no céu, havia sempre estrelas saborosas para comer. Decidiu então partir à procura de ajuda.

Andou, andou, andou muito. Uma madrugada acordou com um alegre cacarejar. Abriu os olhos e viu Dona Margarida, lá em cima pendurada numa nuvem. Levantou o pescoço e foi ter com ela. Contou-lhe tudo. Dona Margarida fechou os olhinhos para pensar melhor. Pensou com muita força: «Já sei», disse, «vamos soprar as nuvens.»

Parecia uma ideia tola, mas Olímpia experimentou e deu certo. As duas juntas, soprando e soprando foram, pouco a pouco, enchendo de nuvens o céu da savana.



«E agora?», quis saber Olímpia quando finalmente conseguiram juntar uma boa centena de nuvens, mesmo em cima da terra seca.



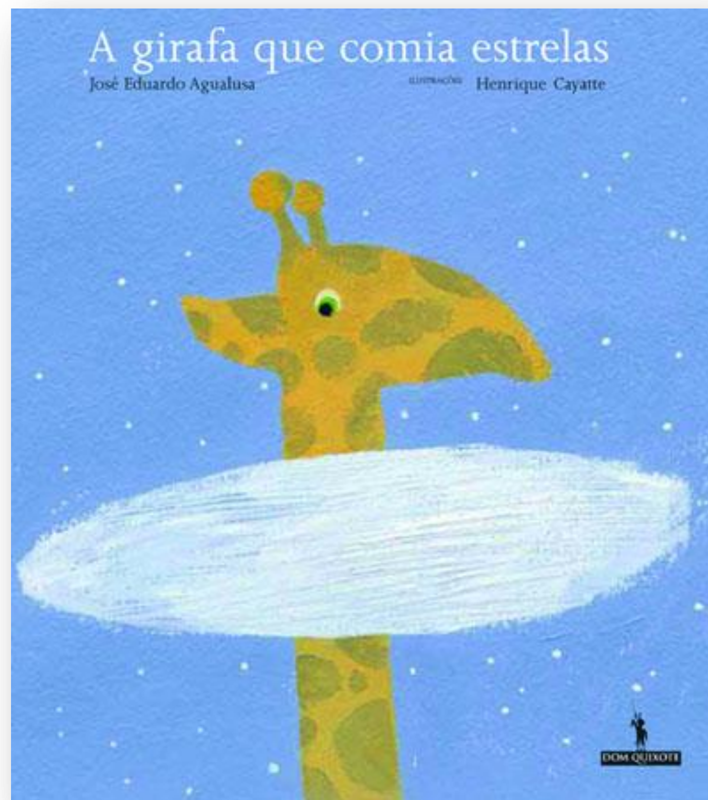
«O que temos de fazer para que a chuva caia?» Dona Margarida agarrou uma pena da asa direita e colocou-a no nariz da girafa.
«Agora espirra!».

Olímpia espirrou. Começou a chover. Choveu durante três dias e a terra voltou a ficar verde.

É por isso que, até hoje, as girafas são amigas das galinhas do mato.

FIM

Compre este livro, sem sair de casa.



http://www.fnac.pt/A-Girafa-que-Comia-Estrelas-Jose-Eduardo-Agualusa/a131246